

JOSE' PAIXAO — José Francisco da Paixão, nasceu no povoado de S. José da Boa Morte, arraial de Itinga, Estado do Rio de Janeiro, em 17 de outubro de 1868 e faleceu em 1952 na Capital Federal. Lutou pela vida desde a infância, nascido que era em lar humilde, totalmente desprovido de recursos. Dotado de prodigiosa inteligência, alma de artista, fez-se auto-didata, buscando aprimorar os seus estudos em contato com os intelectuais de Juiz de Fora e muitos do Rio de Janeiro. Não perdia folgas, após os extenuantes trabalhos do dia, no comércio. Aos quinze anos de idade, estava senhor do inglês, que passou a lecionar em cursos particulares. Revelara cedo um dom extraordinário: caricaturista. Notabilizou-se na arte com a mesma perícia com que se celebrizaram no Rio Raul Perdeiras e Calixto. Esse pendor muito contribuiu por que alcançasse a estima dos intelectuais de seu tempo. Encarregou-se da sátira política, escrevendo numerosos artigos em jornais. Retirou-se para a cidade de Oliveira, onde residiu algum tempo, exercendo competência e brilho o magistério secundário. Regressando a Juiz de Fora, continuou na mesma atividade, lecionando de preferência o inglês em vários estabelecimentos. Publicou "Garnias" e "Palhetas", poesias. Pouco depois, escreveu um poemeto "13 de Maio" em sonoros versos alexandrinos. Por fim enfeixou em volume, vários escritos sob o título "Pensamentos e Divagações". Não fora apenas prosador elegante, poeta distinto e desenhista exímio; revelara ainda alto gosto artístico, de extraordinária intuição. Tornara-se flautista exímio, assenhoreando-se com facilidade do repertório de Patápio Silva. Também, o violão não tinha segredos para o seu talento. Imaginação cheia de entusiasmo, construiu em suas próprias pesquisas o mundo de sua arte. Era, assim, um valor autêntico, estimadíssimo entre os intelectuais mineiros. Quando se tratou da fundação da Academia, seu nome foi lembrado na primeira hora entre os doze primitivos acadêmicos. Morreu na pobreza, como sempre vivera.



José Paixão

150
AUGUSTO DE LIMA JUNIOR — Filho do grande poeta Augusto de Lima e Vera Monteiro de Barros de Suckow, nasceu Antonio Augusto de Lima Junior na Fazenda do Desengano em Leopoldina, no dia 13 de abril de 1889. Era seu ilustre pai, na ocasião, Juiz Municipal da referida cidade. Com dois anos de idade, seguiu com seus pais para Ouro Preto, onde fez os seus estudos primários, rumando aos onze anos de idade para Cachoeira do Campo, em cujo colégio fez todos os preparatórios.



Augusto de Lima Junior

Com vinte anos de idade, bacharelou-se em direito pela Faculdade Minas Gerais. Em 1910, foi nomeado Auxiliar de Auditor, na antiga 8a. Região Militar no posto de Capitão. Como Major Auditor, serviu no Estado Maior do Exército em 1918 e, posteriormente, como Coronel Auditor da 1a. Circunscrição Judiciária do Exército no Rio de Janeiro. De 1923 a 1925, foi encarregado do Serviço de Segurança Militar. Em 1932, foi transferido para a Marinha de Guerra no cargo de Procurador, no qual se aposentou em 1944. Nesse posto, pertenceu ao círculo dos oficiais generais. Em 1939 seguiu para Portugal nas funções de Delegado do Brasil às Comemorações Centenárias do referido país, dirigindo a construção do Pavilhão do Brasil na Exposição do Mundo Português e a representação dos Congressos Luso-brasileiros. Através de esforços pessoais, conseguiu do presidente Getúlio Vargas a proclamação da cidade de Ouro Preto como Monumento Nacional, fato assina-

lado entre festas extraordinárias na tradicional cidade, com a visita de quatorze almirantes, cinquenta oficiais da Armada e da Banda de Música do Fuzileiros Navais. Idealizador do repatriamento das cinzas dos desconhecidos mortos no degredo, conseguiu a criação do Museu da Inconfidência. Foi ainda o criador da "Memória da Inconfidência", cujo estatuto elaborou, tendo sido encarregado do Conselho. Poeta brilhante, romancista, jornalista, orador de largo alcance, tribunicio e, acima de tudo, historiador infatigável do passado mineiro, não há setor de atividade intelectual a que não haja dedicado os primores de sua inteligência arguta, sutil, avisadíssima ao extremo de pormenores. Finíssimo "causeur" encanta pela palestra, a que sabe ajustar a ironia de um Montaigne. São inúmeros os trabalhos que publicou e que atestam a capacidade enorme de devassar os documentos antigos, monumentos e reliquias do passado reconstituindo cenas em verdadeiras águas-fortes. Até o presente, é a seguinte lista dos livros que publicou: "Dom Bosco e sua arte educativa" (1929); "A Ilusão Vermelha" e a "Rerum Novarum" (1931); "A Cidade Antiga" romance (1931); "Mansuetude, Educação Cristã" (1932); "Ma-

riana", romance de costumes religiosos mineiros (1932); "Visões do Passado" (1934); "Histórias e Lendas" (1935); "Canção da Grupiara", versos (1935); "Soldade", novela (1936); "O Amor Infeliz de Marília de Dirceu" (1936); já em segunda edição (1937); "A Capitania das Minas Gerais" (Lisboa, 1940), já em segunda edição (1943); "Cartas de Dom Pedro I a Dom João VI" (1941); "O Aleijadinho e a Arte Colonial" (1942); História dos Diamantes nas Minas Gerais" (1945); "O Fundador do Ceará" (1948); "Sertões e Vieiras" (1952); "Notícias Históricas" (1954); "Pequena História da Inconfidência Mineira" (1955), já em segunda edição (1956); "História de Nossa Senhora em Minas Gerais" (1956); "Vila Rica do Ouro Preto" (1957). Tem prontos para o prelo: "O Segredo da Esfinge", Vida e morte de Getúlio Vargas, Governos Getúlio-Dutra-Getúlio e "História Militar do Rio de Janeiro". Como jornalista, foi redator e colaborador do "Jornal do Comércio", "Notícia", "Jornal do Brasil" e outros jornais e revistas do Rio. Foi o iniciador do moderno jornal em Minas, trazendo para Belo Horizonte a primeira rotativa e o uso dos linotipos. É esse grande nome mineiro, de projeção no Brasil e em Portugal, que a Academia acolheu em 1953 em votação unânime, para a cadeira n. 27, em que se empossou em 1953.

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)